



SOUSA, Ana Alexandra Alves de; NUÑEZ, Carlinda Fragale Pate. Apresentação. In: *Revista Épicas*. Ano 4, N. 7, Jun 2020, p. 1-4. ISSN 2527-080-X.

APRESENTAÇÃO

Ana Alexandra Alves de Sousa
(Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)
Carlinda Fragale Pate Nuñez
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Vem a lume *ÉPICAS 7*. Trata-se, na verdade, da nona edição da revista do CIMEEP, tendo em vista o número especial, publicado no mesmo ano do exemplar fundador, 2017, e o volume especial de 2019, concomitante ao número 6. Em três anos e meio, nove edições testemunham a vastidão do campo teórico, a vitalidade do gênero e a adesão de pesquisadores de vária procedência, discutindo questões sob diferentes perspectivas epistemológicas.

Abrimos este repertório com a homenagem ao legendário, já em vida, professor de Latim, Grego e respectivas literaturas, JUNITO DE SOUZA BRANDÃO, que há 25 anos partiu, para se tornar imortal. Nossa homenagem, aqui, é repercutir sua voz, voz que encantava plateias e fazia devotos ao mundo clássico. Hoje, no Olimpo onde ele se encontra, receberá os aplausos de seus eternos discípulos.

Exaltar a pujança do épico faz, agora, todo o sentido. No momento em que o mundo enfrenta a sua *ilíada*, dá combate a exércitos de microrganismos invisíveis e de

periculosidade pandêmica, “entre perigos e guerras esforçados, mais do que prometia a força humana”, finalizar este número é cumprir um destino, seguir o *épos* e as repercussões da voz poderosa de Calíope. Não foi menos aventurosa a travessia dos poemas homéricos pelas idades. Sobreviveram em papiros e nas novas narrativas, personagens e espécies artísticas inovadoras, beneficiários do prestígio do antigo, para afirmá-lo ou negá-lo, mas, de qualquer forma, por ele referidos.

As tradições antigas legaram a seus descendentes não só um patrimônio temático e formal, mas também o mérito de fazê-las sobreviver, renascer modificadas e atualizar-se. Inspiradores de adaptações, apropriações, releituras, traduções culturais, sob novos preceitos estéticos e em novas mídias, num inesgotável processo de reinvenção e reciclagem, os poemas homéricos se firmaram como um espaço epistemológico, que interage com a Geografia, a História, a Antropologia, a Política, as Artes. O mito, como matéria prima mesclada à história, ganha seu mais nobre rendimento na forma poética. Neste número de *ÉPICAS*, várias vertentes do épico, da Antiguidade aos dias atuais, foram contempladas.

Quatro ensaios integram o dossiê “A epopeia antiga e novas épicas”, abordando a *Nachleben*¹ do gênero e da tradição heroica, em obras da literatura pós-clássica e já pós-tudo. Abre a seção o artigo de Roberto Acízelo de Souza (UERJ), que analisa o “caso” *Os Timbiras* de Gonçalves Dias, projeto de quase “uma vida inteira e que não foi”². Acízelo levanta hipóteses, confronta opiniões da crítica, chega a conclusões e propõe novas formas de abordagem do poema épico que só teve quatro cantos publicados e perdeu a chance de exaltar as glórias de uma nação indígena brasileira.

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (UFMG) demonstra a eficácia de recorrer a metaplasmos na tradução da *Ilíada* de Homero, tomando por base o uso estético que Guimarães Rosa dá às marcas dialetais presentes no *Grande Sertão: veredas*. Em ambos os casos, há um processo tradutório que visa preservar a diversidade original das obras, principal razão de sua universalidade e autonomia estética.

A seguir, numa abordagem que parte da peculiaridade de, em *Os Lusíadas*, o herói Vasco da Gama se pautar pela conduta do patriarca bíblico Abraão, Cleber Vinicius

¹ Impossível não evocar a Aby Warburg (1866-1929), talvez o mais apaixonado historiador da arte e da civilização greco-romana, neste contexto.

² Do poema “Pneumotórax”, do poeta modernista brasileiro Manuel Bandeira (1886-1968), publicado em *Libertinagem* (1930).

do Amaral Felipe (INHIS-UFU) relê o *tópos* da “Máquina do Mundo”, à luz do providencialismo monoteísta e do *éthos* judaico-cristão de Vasco da Gama.

Uma Antígona reconcebida pelo casal de cineastas Jean-Marie Straub & Danièle Huillet é estudada por Fernando de Mendonça (Universidade Federal de Sergipe) pela perspectiva da convergência de elementos presentes em versões dramatúrgicas da jovem labdácida, a saber, de Sófocles, Hölderlin e Brecht.

O dossiê 2, dirigido por Florence Goyet (Université Grenoble Alpes), é uma seção da *Revista Épicas* que apresenta versões em português de artigos publicados na revista *Le Recueil Ouvert*, do *Projet Épopée*. Essas traduções contribuem para ampliar consideravelmente o contato com obras épicas e estudos críticos de diferentes partes do mundo. Neste número temos “Èšua, Učar-kaj, Ak-Byrkan e outros. O renascimento épico na República de Altai (sul da Sibéria)”, de Clément Jacquemoud (Doutor Associado ao Centre d'Études en Sciences Sociales du Religieux [CéSor], l'EHESS, Paris); “‘A maior obra de que a natureza humana é capaz’. O que é uma epopeia no século XVIII?”, de Dimitri Garnarczyk (Université Paris III - Sorbonne Nouvelle); e “Boubou Ardo Galo, uma interpretação songai-zarma”, de Sandra Bornand (Chargée de recherche - LLACAN-UMR 8135-CNRS-INALCO).

Integram a seção livre cinco artigos. Amadou Oury Diallo (Université de Ziguinchor, Senegal) apresenta a épica de Futa Djalom, uma região montanhosa no centro da Guiné, focalizando o impacto de transformações sócio-político-religiosas nos relatos épicos tradicionais, ao longo da ampla temporalidade percorrida por estes. Com a flecha do tempo em sentido inverso, Daynara Lorena Aragão Côrtes e Jeane de Cássia Nascimento Santos (Universidade Federal de Sergipe) identificam marcadores épicos no romance *Mayombe* (1980) de Pepetela, cuja ação transcorre durante a Guerra de Libertação de Angola. Outra experiência de epicidade é identificada por Annabela Rita (Universidade de Lisboa), ao rastrear abundantes vestígios biográficos de José Régio dispersos na própria obra, uma aventura que congemma vida e literatura, memória coletiva e pessoal, enfim, o maravilhoso oriundo de uma vida literária entretecida a um repertório de ações autoficcionais. Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto) se detém na metáfora do “Quixote do Infinito”, empregada por Leonardo Coimbra (1883-1936), na verdade, um epíteto de crenças, em debates

filosóficos sobre a fé, uma metaforologia que precede à de Hans Blumenberg³. Encerra esta seção o texto de Manuela Ribeiro Barbosa (jornalista e doutora em Letras pela UFMG), que evidencia, na escrita escurrita e comunicativa do cronista brasileiro Aníbal Machado (1894-1964), elementos de oralidade dos narradores antigos, bem como cenas que tematizam a grandiosidade do pequeno, traços peculiares de sua prosa poética.

Contamos ainda com uma resenha de Luana Santana (graduanda de Letras da Universidade Federal de Sergipe) sobre a edição atualizada do poema *A Lágrima de um caeté*, de Nísia Floresta, acompanhada de notas e do estudo crítico da Professora Constância Lima Duarte. A importância da publicação está diretamente ligada à da autora, uma precursora dos movimentos de emancipação feminina no Brasil. Nísia Floresta (1810-1885) foi um ícone em diversas frentes: das ideias abolicionistas e republicanas às práticas educacionais que ela defendeu; das obras literárias em diversos gêneros aos ensaios e textos teóricos sobre temas relevantes àquela época e ainda hoje.

A edição se encerra com o relato de pesquisa da Professora Margarida Maria Araújo Bispo (Rede Estadual de Ensino do Estado de Sergipe), a respeito da tradição oral na reprodução de *As Argonáuticas* (séc. III a.C.) de Apolônio de Rodes, no período que vai da colonização portuguesa à atualidade, na outrora denominada Campos do Rio Real (século XVI) e hoje cidade de Tobias Barreto, no estado de Sergipe.

Com este elenco, desejamos a nossa(o)s leitora(e)s que desfrutem das *pervivências*⁴ do épico nas letras e artes da posteridade homérica aqui apresentadas. E que nos mantenhamos sãos para novas odisseias, pois, como sabiamente vaticinou a articulista Manuela Ribeiro Barbosa, “o Coronavírus não terá a palavra final”.

³ Filósofo alemão fundador da disciplina mencionada e pesquisador da história dos conceitos (*Begriffsgeschichte*). De sua imensa obra, destacam-se, para os estudos épicos, *Arbeit am Mythos* (*Trabalho do mito*, 1979) e *Höhlenausgänge* (*Saídas da caverna*, 1984).

⁴ Tomamos de empréstimo o vocábulo castelhano, em circulação entre classicistas e pesquisadores da recepção clássica, por expressar mais que sobrevivência: a durabilidade futura e móbil do *pervivente*.